

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

Tatiana A. Bittencourt Maciel

**A LIBERDADE FEMININA EM *GABRIELA, CRAVO E
CANELA***

Taubaté - SP

2023

Tatiana A. Bittencourt Maciel

A LIBERDADE FEMININA EM *GABRIELA, CRAVO E CANELA*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para obtenção do Certificado de Graduação pelo Curso de Letras do Departamento de Ciências Sociais e Letras da Universidade de Taubaté.

Orientador: Prof^a Ma. Thais Travassos

Taubaté - SP

2023

TATIANA APARECIDA BITTENCOUR MACIEL
A Liberdade Feminina em *Gabriela, cravo e canela*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para obtenção do Certificado Graduação pelo Curso de Letras do Departamento de Ciências Sociais e Letras de Universidade de Taubaté.

Orientador: Prof^a Ma. Thais Travassos

Data: ____/____/____

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Ma. Thais Travassos

Universidade de Taubaté

Assinatura _____

Prof.^a Ma. Andréia Alda de O. F. Valério

Universidade de Taubaté

Assinatura _____

Prof. Me. Luzimar Goulart Gouvêa

Universidade de Taubaté

Assinatura _____

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha sobrinha Anne. Menina linda e cheia de sonhos que, sem esta intenção, me proporcionou sorrisos de alegria transformados em tranquilidade durante essa trajetória. Que a vida lhe seja leve.

AGRADECIMENTOS

Obrigada a todos que puderam me apoiar e colaborar comigo nessa caminhada de formação: familiares, amigos e amigas, professores, Universidade de Taubaté - especialmente a equipe do Departamento de Ciências Sociais e Letras da UNITAU, colegas de Letras e dos demais cursos.

Sou grata por ter a oportunidade de retomar os estudos, a essa altura da vida, e ter energia para continuar.

*Caminhando contra o vento, nada no bolso ou
nas mãos, eu quero seguir vivendo, amor...*

(Caetano Veloso)

RESUMO

Este trabalho analisa como o romance *Gabriela, Cravo e Canela*, de Jorge Amado, desloca o poder do homem sobre a mulher. Realizamos uma leitura das personagens Gabriela, Glória, Malvina e Sinhazinha, sob a perspectiva da liberdade por elas alcançada. Utilizamos, para a análise, as percepções de Freud (1933), Wittig (2019) Cossi (2018) e Lauretis (2019) sobre gênero, e os estudos de Braith (1985) e Candido (2007) sobre a personagem. A pesquisa se justifica em razão de o desejo e a liberdade feminina ainda serem um problema na contemporaneidade. A metodologia utilizada se dá mediante análise bibliográfica por meio do estudo das personagens mulheres do romance. A pesquisa resultou em apreender que, embora as mulheres tenham sido colocadas numa posição de objeto, é possível que elas sejam sujeitos protagonistas de suas vidas. Observou-se, também, a confirmação da literatura como um importante elemento transformador e, para isso, pôde contar com a psicanálise como aliada na interpretação da obra e na corroboração da premissa de que a literatura favorece o ser humano a se perceber através dela.

Palavras-chave: *Gabriela*; Mulher; Feminino; Sujeito; Literatura.

ABSTRACT

This work analyses how the novel *Gabriela, Cravo e Canela*, by Jorge Amado, dislocates the power of men over women. This is done through the reading of the characters Gabriela, Glória, Malvina and Sinhazinha, considering the perspective of the freedom they reach. For that purpose, we use the works of Freud (1933), Witting (2019), Cossi (2018) and Lauretis (2019) about gender and those of Braith (1985) and Candido (2007) about character construction. This research is justified as the desire and freedom of women today is still a problem. The methodology used was bibliographic research through the analysis of the women characters of the novel. This research concluded that although women in literature have been put in the position of objects, it is possible for them to become subjects of their own lives. It has also concluded that literature may be transformative, and that psychoanalysis may be an ally in the interpretation of the novel and in the confirmation that literature favors the self-perception of people.

Key words: *Gabriela*; Woman; Feminine; Subject; Literature.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	9
2. A MULHER ENQUANTO SUJEITO DA NARRATIVA.....	11
2.1 Apresentação da narrativa.....	16
3. AS PERSONAGENS FEMININAS EM <i>GABRIELA, CRAVO E CANELA</i>	19
3.1. Gabriela.....	20
3.2. Malvina.....	24
3.3. Sinhazinha	26
3.4. Glória.....	29
4. ENCONTRO ENTRE TEORIA E ANÁLISE DAS PERSONAGENS	32
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS.....	41

1. INTRODUÇÃO

Desde há muito, mulheres sofrem a tentativa e a real aniquilação de sua liberdade e de seu desejo, principalmente em relação à sexualidade, a ponto de serem violentadas. Felizmente, o panorama dessa condição imposta à mulher tem mudado em seu favor, mas a violência permanece em alguma medida.

A escrita de Jorge Amado em *Gabriela, Cravo e Canela* nos oferece um retrato desse cenário em que as mulheres são colocadas numa posição de objeto e não de sujeito. Sendo assim, a ideia da presente pesquisa parte de episódios em que algumas de suas personagens femininas conseguem mudar seus destinos inicialmente condicionados aos mandos do machismo, de modo a protagonizarem suas vidas como sujeitos desejantes.

Por ser a aniquilação do desejo feminino algo próprio da cultura, há muitas pesquisas em torno da temática: desde importantes estudos feministas e antropológicos até os científicos, o que nos faz chegar em Freud, médico edificador da Psicanálise que se dedicou a tratar da sexualidade feminina em seus escritos. Sob a perspectiva psicanalítica, é ele quem começa a escutar as mulheres.

Literatura e psicanálise são campos distintos, mas caminham bem juntas quando se aliam para tratar de algumas especificidades. Por isso, neste trabalho, o romance *Gabriela, Cravo e Canela* nos servirá para o estudo de personagens femininas específicas - aquelas que se livram do machismo - buscando, além de teóricas do feminismo, um pouco da psicanálise freudiana para dar suporte a esse estudo em relação ao desejo feminino, este que é explorado e retratado na referida obra de Jorge Amado.

Uma leitura mais política desse romance nos mostra que Gabriela, sertaneja recém-chegada a Ilhéus em busca de melhores condições de sobrevivência, é a personificação do anseio ilusório por mudanças na sociedade brasileira, esta que também tem na sua base uma estrutura patriarcal fundante e que, conseqüentemente, culmina na misoginia e resulta em violência.

Este trabalho pretende, portanto, trazer a relevância da literatura brasileira como contribuição ao pensamento da sociedade a partir do recorte de gênero, pois Jorge Amado, ao conceber *Gabriela, Cravo e Canela*, questiona o patriarcado e põe

a misoginia em xeque. Para além das transformações sociais e econômicas de um Brasil dos anos 1920, tal romance retrata a condição da mulher que ousa experimentar e defender seus desejos.

Dito isso, a presente proposta de pesquisa se justifica por sugerir a reflexão acerca do desejo e da liberdade feminina na contemporaneidade, de forma a dialogar com essa obra que representa um tempo relativamente remoto, mas, mesmo assim, propõe destinos libertários a algumas de suas personagens.

A pesquisa proposta neste trabalho pretende estudar o romance *Gabriela, Cravo e Canela* de modo a analisar as personagens Gabriela, Glória, Malvina e Sinhazinha, bem como o estilo da narrativa de Jorge Amado nessa obra e como ela se projeta no modernismo literário.

A metodologia do trabalho será baseada em pesquisa bibliográfica, como revisão do romance, estudo de artigos científicos que tratem do tema e de teóricos que deem respaldo às análises pretendidas.

2. A MULHER ENQUANTO SUJEITO DA NARRATIVA

Propor-se analisar a construção de personagens mulheres no livro *Gabriela, cravo e canela* exige que se conceituem algumas palavras-chave, que são complexas e sobre as quais diversas áreas de estudo se debruçaram: mulher, feminino e sujeito. Afinal, o que significa participar desse gênero? Como a subjetividade se constrói no feminino?

O ser mulher, no mais simples significado, ou seja, conforme o senso comum, quer dizer “pessoa do sexo feminino”. Isso nos remete, então, ao significado biológico, já que, aparentemente, mulheres e homens se diferem em razão de seu sexo, quando bebês ainda. Ou melhor, não se diferem simplesmente, pois a heteronormatividade imposta é quem define, através da medicina, que, ao nascer, tal bebê é menina ou menino em razão de seu sexo.

Baseado na ciência, o significado se instaurou dessa forma, pois assim diz a biologia:

A espécie humana apresenta indivíduos com sexos separados, ou seja, possui machos e fêmeas. Biologicamente falando, homens e mulheres possuem diferenças bem marcantes, tanto anatomicamente quanto fisiológica e geneticamente [...]. (SANTOS, 2023).

A ciência traz, então, definições delimitadas para designar pessoas do sexo feminino considerando seu corpo, a partir da diferença sexual aparente em cada ser humano.

Para além de meninas, assim nomeadas desde bebês, o termo mulher designa pessoas do sexo feminino já adultas, o que nos leva a outra significação contemplada por um importante aforismo da modernidade: “não se nasce mulher, torna-se mulher”, de Simone de Beauvoir (1949). Essa máxima da escritora francesa promove um significado mais profundo, porque traz a cultura como elemento importante para o conceito de mulher.

Ninguém nasce mulher, mas se torna mulher. Nenhum destino biológico, psicológico ou econômico determina a figura que a fêmea humana apresenta na sociedade: é a civilização como um todo que

produz essa criatura, intermediária entre macho e eunuco, descrita como feminina. (BEAUVOIR, 1949 apud WITTIG, 2019, p. 85).

O feminismo materialista, que centraliza capitalismo e patriarcado para compreender a opressão às mulheres, “rompe com a ideia de que mulheres são um “grupo natural” (WITTIG, 2019, p. 84), pois a mulher é posta na posição de objeto a partir de uma reconstrução ideológica de divisão criada por homens, e isso é de ordem política, conforme a autora. Dito isso, surge um problema também na questão de gênero – feminino *versus* masculino, pois:

Embora a criança tenha um sexo “natural”, é apenas quando ela se torna (isto é, quando é significada como sendo) menino ou menina que adquire um gênero. O que a sabedoria popular percebe, então, é que gênero não é sexo, uma condição natural, e sim a representação de cada indivíduo em termos de uma relação social preexistente ao próprio indivíduo e predicada sobre a oposição “conceitual” e rígida (estrutural) dos dois sexos biológicos. Essa estrutura conceitual é o que cientistas sociais feministas denominaram “o sistema de sexo-gênero”. (LAURETIS, 2019, p.124).

No entanto, segundo Lauretis (2019), o gênero, ao mesmo tempo que deriva diretamente da diferença sexual, também é efeito da linguagem, portanto, do imaginário. Para a autora, bem como para a população LGBTQIA+ e para aqueles que se ocupam de esclarecer e entender alguns nós que o termo *gênero* proporciona, pois o conceito de gênero ainda se confunde com a diferença sexual, “a imbricação de gênero e diferença(s) sexual(ais) precisa ser desfeita e desconstruída”. (LAURETIS, 2019, p. 126).

Isso implica em recorrer à História para analisar a existência das categorias *masculino* e *feminino* e como e por que se arraigaram de tal forma, uma vez que afirmam-se como uma construção ideológica; mais especificamente, conforme defende a pesquisadora de gênero e história das mulheres, Ana Maria Colling: “uma bem arquitetada invenção – política, social, cultural. As mulheres, e também os homens, são simplesmente um efeito de práticas discursivas e não discursivas”. (COLLING, 2004).

Tais práticas discursivas, denominadas como discursos normatizadores, incluem os discursos grego, judaico-cristão, médico, jurídico e, entre outros, o discurso psicanalítico. Ou seja, esses discursos, normalizam uma posição

inferiorizada da mulher e, conseqüentemente do feminino - já que este está atrelado à mulher (fêmea), e/ou daqueles que não se identificam como homem heterossexual. Feminino, portanto, ainda que ligado ao conceito de mulher/fêmea, se trata de gênero.

Na Psicanálise, por exemplo, área que cruza com a presente pesquisa literária, Freud se apoia no discurso médico de algum modo, em razão da histeria feminina do início do século XX, para defender que:

Hesitamos em expressar isso, mas não podemos nos esquivar da noção de que o nível do que é eticamente normal vem a ser outro para a mulher. O Super-eu jamais se torna tão inexorável, tão impessoal, tão independente de suas origens afetivas como se requer que seja no homem. Traços de caráter que sempre foram criticados na mulher – que ela mostra menos senso de justiça que o homem, menor inclinação a submeter-se às grandes exigências da vida, que é mais frequentemente guiada por sentimentos afetuosos e hostis ao tomar decisões – encontrariam fundamento suficiente na distinta formação do Super-eu que acabamos de inferir. (FREUD, 1925, 2017, p. 298).

Sendo o Super-eu (superego) uma instância psíquica herdeira do Complexo de Édipo que atua como uma voz repressora e imperativa, assim era para Freud, de modo que parece claro que numa sociedade em que a mulher foi (e ainda é, mesmo que em menor medida) exigida a cumprir padrões impostos e que, por consequência, sequer passavam pelo seu desejo, seu Super-eu evidentemente era bastante distinto em relação ao do homem. Ou seja, essa percepção de Freud também pode indicar que o que é da disposição do feminino é algo de construção sociocultural, ainda que o pai do inconsciente tenha se baseado na diferença morfológica, ou seja, na anatomia humana para tratar de feminino e masculino.

A feminilidade, ou seja, a particularidade do feminino é, então, obscura e enigmática da perspectiva psicanalítica freudiana. Assim se dá em Freud quando explica a sexualidade feminina com suporte em suas teorias, como “inveja do pênis, superego fracassado, continente negro, menos interesses sociais e menor capacidade sublimatória. É como se a mulher fosse fruto de um desenvolvimento insuficiente ou deformado” quando comparada ao homem.” (COSSI, 2018, p. 55).

Contudo, para não sermos tão injustos com Sigmund Freud, é relevante citar sua conferência “A Feminilidade”, de 1933, na qual ele mesmo reconhece a

modificação e enriquecimento da Psicanálise em quinze anos de trabalho. Nessa conferência, Freud escreve: “aquilo que constitui a masculinidade ou a feminilidade é uma característica desconhecida, que a anatomia não consegue apreender”. (FREUD, 1933, p. 316). O autor também aponta, diferentemente ao que se havia pensado em estudos anteriores,

o quão insuficiente é fazer coincidir a conduta masculina com atividade e a feminina com passividade. [...] As mulheres podem desenvolver grande atividade em diversas direções; e os homens não podem conviver com seus iguais senão desenvolverem um alto grau de docilidade passiva. (FREUD, 1933, p. 317).

Ainda sobre essa temática, Freud esclarece que está atento para com a influência das normas sociais que obriga a mulher a situações passivas. (FREUD, 1933).

Desse modo, vale recorrer à Psicanálise atual, aqui, por intermédio de Maria Homem, importante psicanalista deste século XXI. No seu recente livro em coautoria com Contardo Calligaris, outro importante nome da Psicanálise contemporânea, a autora escreve:

O que está em jogo é a percepção de que nós, humanos, construímos muitas coisas, conscientes disso ou não. Nossa maneira de pensar, as ideias que parecem mais “naturais” têm uma arqueologia, que mostra como foram construídas. É Michel Foucault que vai revelar as categorias com as quais pensamos e nas quais nos organizamos socialmente e como as construímos. Masculino/feminino – essa oposição é um dispositivo. Assim com razão/loucura, pobres/ricos, selvagens/civilizados... São todas construções culturais, nenhuma categoria é “natural”. (HOMEM, 2019, p. 9).

Ao que tudo indica, os estudos revelam que o conceito de mulher e feminino é uma construção cultural e que, justamente por isso, necessita de desconstrução rumo a uma igualdade de direitos e vivências que estejam de acordo com o que cada sujeito deseja, independentemente de seu sexo e de seu gênero, inclusive porque, adiantando um pouco sobre o que vem a seguir, para se valer da contribuição psicanalítica, “o sujeito da psicanálise seria justamente o que contesta a universalidade da norma.” (COSSI, 2018, p. 18).

O conceito de sujeito, se recorrermos mais uma vez à Língua Portuguesa para tratarmos de seu significado, numa primeira busca rápida dirá que sujeito é um dos termos principais da oração, pois é aquele que realiza ou sofre a ação expressa pelo verbo. A definição está de acordo com o que todos aprendemos no início da vida escolar, mas será altamente simplista se o considerarmos para esta pesquisa.

No entanto, não é de se rejeitar, visto que sujeito é um

Termo corrente em psicologia, filosofia e lógica. É empregado para designar ora um indivíduo, como alguém que é simultaneamente observador dos outros e observado por eles, ora uma instância com a qual é relacionado um predicado ou um atributo. (ROUDINESCO; PLON 1998, p. 742).

Como na língua, o sujeito é o protagonista de sua existência; seja por realizar ou sofrer ações, e sempre em relação às condições sociais, culturais, históricas e econômicas que o constituem.

Ou seja, para a filosofia, conforme a historiadora e psicanalista Elizabeth Roudinesco, “o sujeito é definido como o próprio homem enquanto fundamento de seus próprios pensamentos e atos” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 742).

Ainda em conformidade com Roudinesco e nos moldes da Filosofia, sujeito é essência subjetiva humana, de forma singular e universal, e é definido como sujeito do conhecimento, do direito ou da consciência. Este último “transforma-se” em sujeito do inconsciente por Freud, já que o inconsciente é uma instância psíquica que, como o próprio termo diz, é sem consciência.

Sendo assim, cabe trazer as características especiais do sistema inconsciente que se inscreve como atemporal e sem senso de realidade, conforme escreve Freud: “Os processos do sistema *Inc* são *atemporais*, isto é, não são ordenados temporalmente, não são alterados pela passagem do tempo, não têm relação nenhuma com o tempo [...], tampouco levam em consideração a *realidade*. São sujeitos ao princípio do prazer.” (FREUD, 1915/2018, p. 128).

Tal proposição de Freud desemboca no conceito de sujeito do inconsciente que, na teoria psicanalítica, é “o sujeito do desejo [...] marcado e movido pela falta, distinto do ser biológico e do sujeito da consciência filosófica.” (AGUIAR; TOREZAN, 2010).

Dessa forma, temos aqui uma primeira “problematização” que cruza com o conceito de mulher, pois, de acordo com essa noção de sujeito que nada tem a ver com o ser biológico, estabelecer a mulher pela biologia e pelo suporte da diferença sexual no corpo é raso, e propicia definir que a mulher, para muito além de seu corpo, é um sujeito produto da cultura opressora que a colocou numa posição de objeto em sentido contrário ao conceito de sujeito do desejo. Levando em consideração que objeto, em psicanálise, é “todo objeto no qual ou através do qual a pulsão¹ consegue atingir seu alvo [...], estará sempre a serviço dos movimentos das pulsões sexuais”. (COELHO, 2011).

2.1 Apresentação da narrativa

Gabriela, Cravo e Canela é uma crônica de costumes. Importante assim salientar, pois seu autor – Jorge Amado, até a publicação desse livro em 1958, vinha numa escrita de cunho mais social, político e militante.

Muito embora em *Gabriela, Cravo e Canela* haja também a representação política e social de uma época e região – a Ilhéus dos anos 1920, os costumes dali é que são bastante retratados nessa obra literária, com pitadas de entretenimento e humor – “o riso como representação da celebração da vida e da liberdade, e como elemento de alta significação da narrativa” (OLIVEIRA, 2011), o que marca uma fase importante do escritor e o projeta ainda mais no universo da literatura. É tanto que Jorge Amado é premiado por essa obra em 1959, ano seguinte da publicação, com os importantes prêmios *Machado de Assis* e *Jabuti*, e se torna membro da Academia Brasileira de Letras pouco tempo depois, em 1961.

¹ “al. *Trieb*, *Instinkt*; esp. *pulsión*; fr. *pulsion*; ing. *drive*, *instinct*. Termo surgido na França em 1625, derivado do latim *pulsio*, para designar o ato de impulsionar. Empregado por Sigmund Freud a partir de 1905 [Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade], tornou-se um grande conceito da doutrina psicanalítica, definido como a carga energética que se encontra na origem da atividade motora do organismo e do funcionamento psíquico inconsciente do homem.” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 628). Não confundir com instinto, pois Freud reserva este ao comportamento dos animais, mantendo pulsão - do alemão *Trieb*, que remete à ideia de impulso.

A obra é construída sob o gênero do romance, com narrativas que manifestam conflitos, tabus (bem como a quebra destes) e personagens com perfis diversos, e explica um Brasil e brasileiros sem didatismo, pois reflete o país através de histórias em que a arte imita a vida e num contexto em que a mulher, seja ela prostituta, puta – termo este que o próprio autor prefere, ou casadoura, está à serviço do homem, do sistema patriarcal.

Para Antônio Candido,

[...] a literatura, é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela, se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manipulação técnica, indispensável à sua configuração, e implicando uma atitude de gratuidade tanto do criador, no momento de conceber e executar, quanto do receptor, no momento de sentir e apreciar. (CANDIDO, 2010, p. 63)

Tal concepção de literatura corrobora a ideia deste trabalho que atrela, ainda que subjetivamente, acontecimentos e personagens do referido romance aos da vida cotidiana real, inclusive do mundo contemporâneo, a fim do reconhecimento da literatura como recurso formador, não de forma pedagógica, mas como “um dos meios por que o jovem entra em contato com realidades que se tenciona escamotear-lhe” (CANDIDO, 1972, p. 805).

O cenário de *Gabriela, Cravo e Canela* é uma cidade em franco progresso em razão da produção de cacau na Bahia e, em contraposição, uma cidade de costumes ultrapassados onde sua sociedade está imersa na estrutura patriarcal, o que é muito bem representada nas figuras dos coronéis poderosos e autoritários, personagens reais de um sistema vigente naquele pedaço de Brasil – o coronelismo.

Coronel Ramiro amava a cidade à sua maneira [...]. Torcia o nariz ao Clube Progresso e nem queria ouvir falar de dragagem, da barra. [...] Suas próprias netas não o criticavam porque ele fizera a intendência negar uma ajuda de custo ao Clube Progresso? E o jornal de Clóvis Costa não ousara discutir o problema do ginásio? Ele ouvira a conversa das netas: “Vovô é um retrógrado!”. Ele compreendia, aceitava os cabarês, as casas de mulheres da vida, a orgia desenfreada das noites de Ilhéus. Os homens precisavam daquilo, ele também fora jovem. O que não entendia era clube para rapazes e moças conversarem até altas horas, dançarem essas tais danças

modernas, onde até mulheres casadas iam rodopiar em outros braços que não os de seus maridos, uma indecência! Mulher é para viver dentro de casa, cuidando dos filhos e do lar. Moça solteira é para esperar marido, sabendo coser, tocar piano, dirigir a cozinha. (AMADO, 2012, p. 60).

O progresso, para além de trazer benefícios de qualquer ordem, seja na economia, na política, na infraestrutura de um local ou, principalmente, nos próprios costumes, também gera conflitos, pois pode fazer emergir ainda mais um conservadorismo existente e muito enraizado. É na condição de conservar os costumes que reside a resistência ao novo, como se vê na obra.

Entretanto, há muitos elementos no romance que expõem a elevação da condição feminina em meio a tantos conflitos advindos do progresso. Dito isso, como a proposta do presente trabalho é expor a possibilidade e a atuação da liberdade feminina em 1925 narrada sob a perspectiva de um escritor homem no Brasil da década de 1950/60, o estudo das personagens femininas se dará a partir do que a narrativa manifesta sobre o permitir-se sujeito desejante na pele da mulher em uma sociedade patriarcal e retrógrada, de modo a enaltecer essas mulheres.

3. AS PERSONAGENS FEMININAS EM *GABRIELA, CRAVO E CANELA*

Personagem é um dos elementos essenciais do romance. Por isso e por se tratar de entes fictícios e de linguagem, a teoria da literatura os classifica dentro de uma obra. Sua classificação se dá em “personagens planas” e “personagens redondas”, conforme destaca Braith (1985):

As personagens *planas* não mudam no decorrer da história, com as circunstâncias surgidas. Elas não surpreendem o leitor, por se manterem numa única ideia. Em contrapartida, as personagens *redondas*

são aquelas definidas por sua complexidade, apresentando várias qualidades ou tendências, surpreendendo convincentemente o leitor. São dinâmicas, são multifacetadas, constituindo imagens totais e, ao mesmo tempo, muito particulares do ser humano. (BRAITH, 1985, p.41).

Estes primeiros parágrafos da seção se propõem a situar ao leitor que as personagens femininas aqui estudadas, *Gabriela, Malvina, Glória e Sinhazinha*, são classificadas como personagens redondas, pois cada uma delas, de acordo com suas particularidades, dá uma reviravolta em sua história através de dinâmicas próprias do humano que são outorgadas às personagens do romance.

Para tratar da construção das personagens, a linguista e crítica literária Beth Braith contribui com a literatura com sua publicação “A Personagem” (1985), livro em que retrocede na história para trazer o conceito de personagem.

Na obra, a autora faz um caminho desde Aristóteles até a contemporaneidade e, assim, desdobra a concepção de personagem, pois, na era aristotélica, a personagem era concebida a partir de modelos humanos - mimese. Na sequência, Braith referencia outros teóricos para desmontar essa maneira de entender a constituição das personagens como uma imitação do humano, como por exemplo em Foster – romancista e teórico literário, que defende que “essa concepção pode ser revista, outorgando à personagem um estatuto específico ainda que não inteiramente despidos das injunções humanas.” (BRAITH, 1985, p. 42).

Já sobre os anos 1950, a autora nos informa que

Finalmente, no século XX e através da perspectiva dos formalistas a concepção de personagem se desprende das muletas de suas

relações com o ser humano e passa a ser encarada como um ser de linguagem, ganhando uma fisionomia própria. (BRAITH, 1985, p. 44-45).

Ou seja, essa percepção de que as personagens são uma representação do humano vai se desfazendo até que se encara “a personagem como ser fictício, com forma própria de existir, sentir e perceber os outros e o mundo.” (BRAITH, 1985, p. 48). Portanto, personagens são seres da ficção, brotam da escrita.

Contudo, Antônio Candido afirma que “a personagem é um ente *reproduzido* ou um ente *inventado* [...] e as duas alternativas nunca existem em estado de pureza.” (CANDIDO, 2007, p. 66). Ou seja, as personagens “não correspondem a pessoas vivas, mas nascem delas. Cada escritor possui suas ‘fixações da memória’ que preponderam nos elementos transpostos da vida.” (CANDIDO, 2007, p. 67).

A personagem, então, descende da intenção do escritor:

Quando, por exemplo, êste está interessado em traçar um panorama de costumes, a personagem dependerá provavelmente mais da sua visão dos meios que conhece, e da observação de pessoas cujo comportamento lhe parece significativo. (CANDIDO, 2007, p. 74).

Nesse aspecto, Antônio Candido nos indica que Jorge Amado está imbuído desse caráter observador de pessoas e de uma época, visto que a obra é ambientada num espaço muito bem conhecido do romancista que nasceu nas proximidades de Ilhéus, e que suas personagens se assemelham a pessoas reais daquele tempo e lugar.

De qualquer forma, personagens são seres de ficção, e como trataremos de personagens femininas específicas e suas transformações ao longo da narrativa, observemos as características que o escritor lhes dá e sua construção, para daí notarmos a verossimilhança (teor de vida real na ficção) que, também conforme Candido (2007), depende de como o material está organizado esteticamente.

3.1. Gabriela

A personagem Gabriela, que dá título ao livro e por isso mesmo protagoniza o romance, é uma sertaneja que viaja junto a um grupo de retirantes, do interior para

o litoral – a cidade de Ilhéus, em busca de melhores condições de sobrevivência.

Nessa viagem, o autor já dá uma boa pista de quem é Gabriela: “Só Gabriela parecia não sentir a caminhada, seus pés como que deslizando pela picada muitas vezes aberta na hora a golpes de facão, na mata virgem.” (AMADO, 2012, p. 76). Esse trecho demonstra que Jorge Amado idealiza uma figura de força e boa disposição que beira a uma descrição romântica, como José de Alencar o faz ao construir heroínas do romantismo, por exemplo em *Iracema*: “O pé grácil e nu, mal roçando alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.” (ALENCAR, 2016, p. 17). Sob outro ponto de vista, também aparece, já nesse capítulo sobre a viagem, o modo como Gabriela lida com sua sexualidade, a partir de um namorico que tem com o sertanejo Clemente:

Desde aquela noite milagrosa, Clemente vivia no terror de perdê-la. Pensara a princípio que, tendo acontecido, ela já não o largaria, iria correr sua sorte nas matas dessa terra do cacau. Mas logo se desiludiu. Durante a caminhada ela se comportava como se nada houvesse entre eles, tratava-o da mesma maneira que aos demais. Era de natural risonha e brincalhona, trocava graças até com o negro Fagundes, distribuía sorrisos e obtinha de todos o que quisesse. Mas quando a noite chegava, [...]. Se entregava toda, abandonada nas mãos dele, morrendo em suspiros, gemendo e rindo. (AMADO, 2012, p.78).

A personagem Gabriela não reconhece códigos que oscilam entre boa e má condutas de valores morais: para ela, a vida era boa, bastava viver. Tomar sol, banho frio, comer manga ou goiaba, brincar nas ruas e namorar não se predispõem a obedecer a uma ordem hierárquica para se bem viver.

A liberdade de Gabriela é tão distinta, que não tem família e tampouco possui documentos. Claro que num mundo que caminha rumo à padronização de tudo, na realidade, não se ter documentos é, ou pode ser, um grande problema. No entanto, o autor, utilizando-se da idealização neorromântica (ainda que isso pudesse acontecer a um adulto fugido da seca no início do século passado), concebe uma personagem sem rédeas inclusive da perspectiva de registro documental, isto é, sem rédeas no âmbito legal, lícito e da construção de um modelo representativo de mulher. Gabriela é “ilícita” sem o saber. Conforme a pesquisadora Belmira Magalhães (1997, apud OLIVEIRA), “Gabriela é amoral”.

Gabriela desembarca num “mercado de escravos” e é escolhida por Seu Nacib, proprietário do bar Vesúvio, para trabalhar como cozinheira, já que ele está desesperado por alguém que trabalhe para ele na cozinha do bar e nos afazeres domésticos. Oferece casa e salário a Gabriela e, assim, ela se instala em Ilhéus.

Em razão da difícil viagem, chega empoeirada e suja, como todos os retirantes. Mas já manifesta sua ousadia quando trata Seu Nacib por ‘moço bonito’, ainda no mercado. Em casa, depois que Gabriela se ajeita com banho, comida e instalação, Nacib já a olha de modo diferente, por ver nela uma mulher bonita e atraente, como não se pudera ver antes quando estava “escondida” debaixo do pó da estrada. Os dois se amam e assim passam a viver a vida.

Gabriela se dá muito bem com os afazeres de seu trabalho, de modo que, além de Nacib, todos se encantam com ela. Os homens da cidade passam a cobiçá-la, para a tristeza de Nacib, pois não se trata somente do encantamento atraído pelo fato de Gabriela ser boa cozinheira e dona-de-casa, mas por sua beleza e sensualidade.

O ciúme de Nacib atormenta seus pensamentos de maneira que ele ordena a Gabriela que não vá mais ao bar servir as pessoas, que fique só pela cozinha, mas, Gabriela, sendo uma mulher de espírito livre e que gostava dele,

não queria ofendê-lo, era homem tão bom! Tomaria cuidado, não queria magoá-lo. Só que não podia ficar sem sair de casa, sem ir à janela, sem andar na rua. De boca fechada, de riso apagado. Sem ouvir voz de homem, a respiração ofegante, o clarão dos seus olhos. “Peça não, seu Nacib, não posso fazer.”. (AMADO, 2012, p. 183).

Uma das primeiras transformações de Gabriela começa a acontecer a partir desses quereres de Nacib. Entretanto, Gabriela não imaginaria que sua maior concessão seria casar-se com ele. No matrimônio, Gabriela era cerceada a todo o momento pelo marido em nome da boa educação e reputação das senhoras casadas. Assim, começam os dissabores do casamento:

A mudança fizera-se visível quando começaram os desentendimentos. [...] Repreendia-a a todo momento, por ninharias, no desejo de torná-la igual às senhoras dos médicos e advogados, dos coronéis e comerciantes. “Não fale alto, é feio”, cochichava-lhe no cinema. “Sente-se direito, não estenda as pernas, feche os joelhos.” “Com esses sapatos, não. Bote os novos, para que tem?” “Ponha um vestido decente.” “Vamos hoje visitar minha tia. Veja como se comporta.” “Não Podemos deixar de ir à sessão do Grêmio Rui

Barbosa” (poetas a declamar, a ler papéis que ela não entendia, um xarope medonho). “Hoje doutor Maurício vai falar na Associação Comercial temos que ir” (ouvir a Bíblia inteirinha, xaropada!). “Vamos visitar dona Olga, se é aborrecida não sei, é nossa madrinha.” “Por que não usa suas joias, comprei para quê?”. (AMADO, 2012, p. 255).

Gabriela vai sucumbindo de desgosto, sentia-se presa, até que se deita com outro homem. Separa-se de Nacib, obviamente, pois Nacib descobre que foi traído e cogita matar Gabriela, em nome da honra, como faziam os homens dali, mas ele não tinha esse espírito e, também, porque a amava. Nacib amargava de tristeza por sentir falta de Gabriela que também o amava.

Como o bar Vesúvio já não ia tão bem nos lucros sem Gabriela, e Nacib havia perdido seu cozinheiro às vésperas de inaugurar seu restaurante, Gabriela volta para a casa de Nacib para trabalhar, assim como no começo; era muito boa cozinheira. Ela não se importa com os dissabores passados, nem tampouco se ressentida. Retorna com seu cheiro de cravo, da cor de canela, livre, sorridente e bem disposta. Nacib não resiste, bem como Gabriela; os dois se amam e reatam seu caso de amor. “Agora, sim, [Nacib] era completamente feliz.” (AMADO, 2012, p. 318).

Ocorre outra transformação em Gabriela. Desta vez, descasada, empregada e amante de seu moço bonito:

Assim era bom. Ela ia à casa de Dora, dançava e cantava, combinavam festas para o mês de Maria. Nacib sabia, encolhia os ombros, até projetava assistir. Era sua cozinheira, com quem dormia quando lhe dava vontade... E que cozinheira!, melhor não havia. Boa na cama também, mais do que boa, uma perdição de mulher. Na casa de Dora, Gabriela ria e folgava, a cantar e a dançar. No terno de reis levaria o estandarte. Pularia fogueira na noite santa de São João. Folgava Gabriela, viver era bom. (AMADO, 2012, p. 319).

Jorge Amado devolve à protagonista sua forma livre de estar na vida, ou melhor, resgata seu ser “amoral” que tanto tentaram modificar em nome dos bons costumes, de modo que Gabriela encerra na narrativa com leveza e a desfrutar de seus desejos, do que lhe dá prazer.

3.2. Malvina

Jorge Amado nos apresenta essa personagem já mostrando que ela é diferente das demais estudantes moças de família e da maioria das mulheres dali que são conservadoras e subservientes aos homens. Malvina é uma daquelas filhas “bem nascidas” de um dos coronéis da cidade e, portanto, refém de uma educação muito repressora. Mesmo assim, é espontânea frente aos rapazes e uma das poucas pessoas que se solidariza com o assassinato de D. Sinhazinha, fato que abre o romance, e presta sua homenagem a ela quando vai ao

funeral de uma esposa morta por adultério [...]. Reprovavam com os olhos, cochichavam pelos cantos. Malvina sorriu para o Doutor, depositou suas flores aos pés do caixão, moveu os lábios numa prece, saiu de cabeça erguida como entrara. - Essa filha de Melk Tavares tem topete. (AMADO, 2012, p. 121).

À medida que a narrativa transcorre, Amado demonstra que Malvina é uma personagem que chama a atenção tanto do leitor quanto das demais personagens do enredo, pois possui uma característica envolvente: a sede por liberdade revertida em atitude. Malvina não deseja se limitar ao destino imposto pela sociedade patriarcal daquela época, o que certamente seria um casamento arranjado, a cozinha e o cuidado com filhos e marido. É uma personagem carregada de coragem desde o início da história, ainda que seja em detalhes, como por exemplo nesta conversa na biblioteca:

Malvina corria com os olhos a prateleira de livros, folheava romances de Eça, de Aluísio Azevedo. Iracema aproximava-se, risinhos maliciosos:
 - Lá em casa tem *O Crime do padre Amaro*. Peguei pra ler, meu irmão tomou, disse que não era leitura pra moça... - o irmão era acadêmico de medicina na Bahia.
 - E por que ele pode ler e você não? - cintilaram os olhos de Malvina, aquela estranha luz rebelde. - Tem *O Crime do padre Amaro*, seu João?
 - Tem, sim. Quer levar? Um grande romance...
 - Vou levar, sim senhor. Quanto custa?
 Iracema impressionava-se com a coragem da amiga:
 - Você vai comprar? O que é que não vão dizer?
 - E que me importa? (AMADO, 2012, p. 158).

Malvina é um tipo de personagem que questiona regras, que enfrenta a norma e que põe em xeque a diferença de tratamento dado entre homens e mulheres.

Um acontecimento maior na história de Malvina foi conhecer e começar a namorar um engenheiro que chega a Ilhéus para trabalhar numa dessas obras que apareciam com o advento do progresso na cidade. Rômulo é casado, mas sua esposa está internada num hospício do Rio de Janeiro. Malvina passeia com Rômulo pelas ruas, muito interessada nele, sem se importar com o falatório das carolas da cidade. Esse namoro entre os dois é um fato importante, pois é a partir dele que Malvina ganha ainda mais força na narrativa.

Seu pai, ao saber que Malvina está de namoro com o engenheiro, manda Rômulo ir embora da cidade e dá uma surra em Malvina. Nessa briga entre pai e filha, o desejo de Malvina vem à tona com muita verdade:

Já lhe disse, meu pai, mais de uma vez: eu não vou me sujeitar a casamento escolhido por parente, não vou me enterrar na cozinha de nenhum fazendeiro, ser criada de nenhum doutor de Ilhéus. Quero viver a meu modo. Quando sair, no fim do ano, do colégio, quero trabalhar, entrar num escritório.

- Tu não tem querer. Tu há de fazer o que eu ordenar.

- Eu só vou fazer o que eu desejar.

- O quê?

- O que eu desejar...

- Cala a boca, desgraçada!

- Não grite comigo, sou sua filha, não sou sua escrava.

- Malvina! - exclamou a mãe. - Não responda assim a seu pai.

Melk segurou-lhe o pulso, bateu-lhe a mão na cara. Malvina reagiu:

- Pois vou embora com ele, fique sabendo. (AMADO, 2012, p. 193).

Malvina acredita demais no que ela mesma diz, se ajeita para ir embora com Rômulo através de um bilhete enviado a ele com hora e local marcados, mas o engenheiro não aparece para buscá-la. Ela, então, reflete sobre a situação:

Por que partir pela mão de alguém, presa a um compromisso, a dívida tão grande? Por que não partir com seus pés, sozinha, um mundo a conquistar? Assim sairia. Não pela porta da morte, queria viver e ardentemente, livre como o mar sem limites. Segurou os sapatos, desceu dos rochedos, começou a esboçar um plano. Sentia-se leve. Melhor do que tudo fora ele não ter vindo, como poderia viver com um homem covarde? (AMADO, 2012, p. 199).

Essa reviravolta na vida de Malvina a transforma de modo a sentir-se mais decidida a sumir de Ilhéus, pois desde sempre

odiava aquela terra, a cidade dos cochichos, do disse-que-disse. Odiava aquela vida e contra ela passara a lutar. [...]. Descobriu outro mundo mais além de Ilhéus onde a vida era bela, onde a mulher não era escrava. As grandes cidades onde podia trabalhar, ganhar o seu pão e a sua liberdade. (AMADO, 2012, p. 197).

Diante disso, por estar estudando fora e com seu pai longe, na roça, “Malvina fugira sem deixar rastro, aproveitando a confusão da partida para as férias, o colégio em desordem”. (AMADO, 2012, p. 263). Ninguém tinha ideia do paradeiro de Malvina, se havia ido ao Rio de Janeiro procurar por Rômulo ou se estaria na Bahia - como chamavam a capital Salvador. O fato é que ela seguiu seu desejo e, “muitos meses depois, em plena safra do ano seguinte, noticiou-se que ela trabalhava em São Paulo, num escritório, estudando de noite, vivendo sozinha”. (AMADO, 2012, p. 263).

Ainda que não tenha sido de maneira amigável com sua família, Malvina consegue mudar seu destino, que seria o mesmo destino submisso das moças de Ilhéus e o de infelicidade de sua mãe, não fossem sua força e coragem a impulsionar para um caminho conforme com seus ideais de vida ansiosos por liberdade.

3.3. Sinhazinha

D. Sinhazinha é a personagem que abre o romance, quando Jorge Amado nos conta de seu assassinato. É casada com Coronel Jesuíno, homem de mais idade e que não a trata bem. Ou seja, Sinhazinha Guedes é mais uma daquelas mulheres submissas ao marido em todos os aspectos. Por essa razão, se apaixona pelo dentista Osmundo, um rapaz de fora que se instala bem em Ilhéus por ser bom profissional e boa pessoa:

Tão diferente do marido áspero e soturno, vinte anos mais velho do que ela, o dentista doze anos mais moço! E aqueles olhos súplices de São Sebastião... Meu Deus! que mulher resistiria, sobretudo mulher na força da

idade, com marido velho - vivendo mais na roça que em casa, farto da esposa [...]. Como resistir? (AMADO, 2012, p. 92).

Nesse trecho citado, já dá para notar como se encontra a dinâmica da vida de Sinhazinha. O casamento, à maneira como costumava ser naquela época e para as mulheres dali, gera em D. Sinhazinha tamanho sofrimento que a faz despertar para o desejo ardente e apaixonado pelo dentista Osmundo, paixão que se concretiza no amor. Um amor na sua forma mais instintiva, pulsional. Sinhazinha se libera, concede a si vivenciar a sexualidade nos braços de quem deseja e de quem a deseja e, ao quebrar pactos morais traduzidos como pecado, por ser religiosa e frequentar esse meio, paga por seus desejos com a própria vida.

As características de Sinhazinha são obtidas ao longo da narrativa de acordo com o que as outras personagens e o narrador informam para o leitor, já que o livro começa com sua morte:

formosura local, de antiga família ilheense, órfã de pai e herdeira de um coqueiral para as bandas de Olivença. Quase vinte anos mais moça que o marido, bonitona, freguesa assídua das lojas de fazendas e sapatos, principal organizadora das festas da igreja de São Sebastião, aparentada de longe com o Doutor, passando longos períodos na fazenda, Sinhazinha jamais dera que falar, em todos aqueles anos de casada, aos muitos maledicentes da cidade. (AMADO, 2012, p. 87).

Assim nos é apresentada Sinhazinha, “expoente da sociedade local, morena mais para gorda, muito dada às festas de igreja” (AMADO, 2012, p. 9), bastante católica e devota de São Sebastião. Justamente por ter esse comportamento, foi uma surpresa sua morte por adultério. Sinhazinha foi pega na cama com o dentista por seu marido, que atirou de revólver nos dois. No ato do flagrante, a personagem estava quase toda nua, usava somente meias finas pretas – detalhe que é frisado em vários momentos do livro, por se tratar de uma vestimenta sensual e que contradiz a conduta da personagem, mas que também indica uma sexualidade viva e presente nela. As meias mexem com a imaginação dos homens dali, inclusive de Nacib, que não disfarça em meio ao falatório da cidade: “- Devia estar uma beleza - o árabe Nacib, de pé, viu de repente dona Sinhazinha nua, calçada de meias pretas. Suspirou.” (AMADO, 2012, p. 90).

Os comentários sobre Sinhazinha em razão de seu adultério eram de todos os tipos, geralmente em direção à imoralidade, mas que também denotam que ela era bastante atraente. Cogitavam sobre quem teria investido mais no caso romântico deles, se Sinhazinha: “- Que faria você, seu dr. Maurício, se a dona Sinhazinha, com aquele corpo que Deus lhe deu, nua e de meias pretas, se atirasse em cima de você? Saía correndo, pedindo socorro?” (AMADO, 2012, p. 94), ou Osmundo: “Não era o dentista esse inocente que o Capitão descrevia.” (AMADO, 2012, p. 95).

Isso sem contar as infundadas tentativas de explicação sobre uma possível herança sanguínea que a morta carregaria e a teria destinado ao assassinato, conforme a seguinte confabulação entre homens ilustres:

- Dona Sinhazinha era ainda aparentada dos Ávilas. Família de mulheres românticas. Ela deve ter herdado o destino da prima, sua vocação para a desgraça.

[...] - Em dona Sinhazinha havia sangue de Ofenísia, esse sangue dos Ávilas marcado pela tragédia! (AMADO, 2012, p. 89).

Esse diálogo denuncia que uma mulher romântica estaria fadada a toda sorte de desgraça. Com Sinhazinha aconteceu dessa forma, evidentemente não por carregar no sangue tal tipo de herança, mas por amar. Sobretudo por amar outro homem que não o marido.

Ainda que poucos, diante de uma gama de pessoas que a julgavam mal, “alguns dos notáveis da cidade se reuniam, em defesa da maturidade em fogo de Sinhazinha, trinta e cinco anos de adormecidos desejos despertados subitamente pela lábia do dentista e transformados em crepitante paixão.” (AMADO, 2012, p. 92). Tal descrição em favor de Sinhazinha nos indica que, apesar da repressão à qual está submetida, ela é uma mulher que não desistiu de desejar.

Embora a personagem passe por toda a história como defunta, ela dá vida à narrativa porque permanece viva na memória das personagens até o fim da obra. É em torno do crime – acontecimento que mexe com a cidade inteira, que se notam as transformações tanto da personagem Sinhazinha quanto dos costumes de Ilhéus. O escritor confere à Sinhazinha várias nuances, pois esta passa de santa à devassa, de vítima à culpada e à vítima novamente, esta última condição em virtude da condenação de seu marido em júri popular. Tal fato é algo inédito na cidade, afinal

Coronel Jesuíno estava honrando seu nome ao matar a esposa e o amante. Com isso, Jorge Amado transforma também o pensamento da sociedade ilheense na obra.

3.4. Glória

A personagem Glória é sensual e sedenta sexualmente, “[...] debruçava-se à tarde na janela, os robustos seios empinados como numa oferenda aos passantes.” (AMADO, 2012, p. 83). Gosta de ser desejada, mas vive trancada em casa por ordem de seu amante, o coronel Coriolano, que a mantém financeiramente de forma escancarada. Sua casa é no centro de Ilhéus, conforme nos contam as solteironas da cidade:

- Também o coronel Coriolano podia botar casa para a rapariga numa rua de canto. Vem e planta com ela bem na cara das melhores famílias da cidade. Bem no nariz dos homens... - Pertinho da igreja. Isso até ofende a Deus... (AMADO, 2012, p. 83).

Todos sabem de caso seu com o coronel.

Embora Glória esteja sob o jugo de um coronel e, de algum modo, tenha a solidão como companhia, ela se ajeita para não sucumbir a essa situação: vive à beira da janela para saber dos acontecimentos da cidade e se deixar ser vista e cortejada pelos homens dali. “Na janela de Glória, o negrinho Tuísca contava-lhe as novidades, detalhes do crime, coisas ouvidas no bar. Agradecida, a mulata afagava a carapinha do moleque, [...] o Capitão olhava a cena: - Eta negrinho feliz!” (AMADO, 2012, p. 104).

Em certa medida, Glória é o tipo de personagem pitoresca pois dá um colorido divertido que distrai os cidadãos de Ilhéus e o leitor da obra. Atrai também um olhar romântico que repousa

na pujança dos seios altos, colocados na janela como sobre uma bandeja azul. E dos seios subia para o rosto moreno queimado, de lábios carnudos e ávidos, de olhos entornados em permanente convite. (AMADO, 2012, p. 84).

Esse olhar refere-se ao de Josué, professor da cidade que, embora apaixonado por Malvina, esta que olhava para ele com desinteresse, já observa

Glória de modo diferente. Pudera! Era a tentação na janela, como Jorge Amado a intitula. Glória, da janela, também fita Josué de modo a desejá-lo.

Carregava com ela a indignação e a tristeza com os homens daquela cidade por causa da hipocrisia de todos eles que, quando passavam sozinhos por ela, sorriam e a desejavam, quase implorando um cumprimento seu. Do contrário, bastava ter alguém pelas ruas ou pela praça, esses mesmos homens lhe viraram a cara. “Glória gostaria de dar-lhes com a janela na cara mas, ah!, não tinha forças para fazê-lo, aquela chispa de desejo entrevista nos olhos dos homens era tudo que possuía em sua solidão.” (AMADO, 2012, p. 85). Mas Josué não agia assim, sempre que a via, sorria para ela.

Como Glória via a frieza com que Malvina tratava Josué, a via com antipatia e passou a deixar a porta sem tranca para, quem sabe (?), o professor se encorajar a entrar em sua casa e esquecer Malvina em seus braços. Era preciso coragem, pois Coriolano, o coronel que a mantinha muito bem financeiramente, tinha fama de ser bastante violento com aqueles que se atreveram a ter algo com suas concubinas anteriores.

Mesmo assim, Josué cria coragem e passa a frequentar a casa de Glória, sempre de madrugada, para que ninguém desconfie do caso. Glória já não se sente sozinha, mas vitoriosa na janela, sorri até para as solteironas. É a primeira transformação da personagem, advinda do desejo.

O professor gosta dela, ou melhor ela lhe inspira desejo e, assim, propõe que vivam juntos; só não podia lhe oferecer luxo, pois era professor. Mas Glória, muito sedenta de tudo (passara maus bocados de pobreza na infância) nega a proposta: “- Não, meu filho, não. Assim não pode ser. Ela queria as duas coisas: o amor e o conforto, Josué e Coriolano.” (AMADO, 2012, p. 201).

O caso ente Glória e Josué dura meses, até que as pessoas começam a descobrir. Glória passeava pelas ruas de Ilhéus para vê-lo de perto, cobria o professor de presentes com o dinheiro de Coriolano e, este, é o último a descobrir que Josué mantém relações com sua amante. Ao pegar os dois no flagra, o coronel coloca Glória e Josué para fora de casa, de braços dados, sem violência nenhuma, para a surpresa da cidade inteira. Diziam que sua atitude se deu em razão do progresso.

A cidade estava mais triste sem a sensualidade de Glória na janela, mas ela volta, desta vez com o fazendeiro Ribeirinho que também monta uma casa para a amante e a mantém financeiramente. Nas conversas entre os amigos da cidade, Ribeirinho e Josué estão sempre próximos. Glória se achegava a eles, “por vezes até comiam juntos, davam-se bem.” (amado, 2012, p. 317).

A segunda e triunfante transformação de Glória acontece em meio aos brindes pelas conquistas do progresso na cidade. Lá estavam, “num grupo, rindo alto, Glória, entre Josué e Ribeirinho, afrontando as senhoras.” (AMADO, 2012, p. 319). Assim, o escritor dá um destino bastante diferenciado a Glória, sugerindo uma espécie de trisal ou poliamor da contemporaneidade. Na narrativa, Glória termina feliz, portanto, de maneira coerente com seu modo de estar na vida que a impulsiona a realizar seus desejos mais “escandalosos” para aquela sociedade: amor e conforto, Josué e Ribeirinho.

4. ENCONTRO ENTRE TEORIA E ANÁLISE DAS PERSONAGENS

Visto que tratamos que gênero feminino advém do conceito de fêmea/mulher, este último uma construção cultural assim como o próprio gênero, o que se pode notar nessas personagens femininas em relação a tais concepções?

Primeiramente, analisar essas personagens permite verificar que cada uma delas percorre seu caminho a fim de viver conforme seus valores de vida e, sobretudo, de acordo com seus desejos, o que nos indica que o autor as concebe com diferenças marcantes entre si, afinal, as mulheres não são todas iguais, como já se pretendeu, inclusive no discurso psicanalítico quando diz: “a anatomia é o destino”. (FREUD, 1912, 2018, p. 150). Ou seja, essa concepção de Freud contribui com o discurso que, explícita ou implicitamente, conhecemos sobre mulheres terem seu destino restrito aos traços da cultura patriarcal.

O que Jorge Amado faz nessa obra é construir personagens femininas que se desdobram para atuarem como sujeitos, e não como objetos de uma norma falocêntrica cuja dinâmica de poder vigente coloca o homem como centro de todas as tomadas de decisões de quem quer que esteja a sua volta. A subjetividade de cada uma delas questiona essa situação universal de poder do masculino sobre o feminino, a fim de quebrar normas que não consideram a existência das mulheres como sujeitos de desejo, contribuindo, assim, com a desconstrução da desigualdade de gênero decorrente da diferença sexual.

Tanto Gabriela, quanto Malvina, Sinhazinha e Glória, embora de origens e classes diferentes, sofrem as consequências do patriarcado simplesmente por serem mulheres. Entretanto, conforme vimos em Freud que o superego da mulher é distinto do dos homens e isso sugere que tal disposição tem relação com as imposições às quais as mulheres estão submetidas culturalmente, todas essas personagens enquanto seres femininos conseguem driblar seu super-eu, aquela voz repressora que considera somente o moralmente aceito, de modo a alcançar um equilíbrio psíquico, digamos assim, para não se deixarem ser levadas pelo desejo do outro.

Gabriela imprime a imagem de uma mulher mais próxima da natureza, em contraponto com a cultura ou ao que se denomina civilização, de acordo com a descrição de sua apresentação na narrativa:

[...] no começo da viagem, a cor do rosto de Gabriela e de suas pernas era ainda visível e os cabelos rolavam sobre o cangote, espalhando perfume. Ainda agora, através da sujeira a envolvê-la, ele a enxergava como a vira no primeiro dia, encostada, numa árvore, o corpo esguio, o rosto sorridente, mordendo uma goiaba. (AMADO, 2012, p. 76).

Assim Gabriela passa por boa parte da história: contente, cheirosa, bonita, sensual, boa trabalhadora, “perfeita”. Apesar disso, o conflito entre os impulsos da natureza e a regulação da cultura a atravessam num momento, e ela decide ficar alheia às construções culturais do ideal de mulher da sociedade. Gabriela é construída num eixo idealizado que se alinha a um novo romantismo literário porque há nela uma presença de idealização amorosa e de um ideal de mulher inclusive em relação à sexualidade, conforme podemos notar no decorrer da trama:

Gostava de dormir nos braços de um homem. Não de qualquer. De moço bonito como Clemente, como Tônico, como seu Nilo, como Bebinho, ah! Como seu Nacib. Se o moço também queria, se a olhava pedindo, se sorria para ela, se a beliscava, por que recusar, por que dizer não? Se estavam querendo, tanto um como o outro? Não via por quê. Era bom dormir nos braços de um homem, sentir o estremecimento do corpo, a boca a morder, num suspiro morrer. Que seu Nacib se zangasse, ficasse com raiva, sendo casado, isso entendia. Havia uma lei, não era permitido. Só o homem tinha direito, a mulher não tinha. Ela sabia, mas como resistir? Tinha vontade, na hora fazia, nem se lembrava que não era permitido. Tomava cuidado para não ofendê-lo, para não magoá-lo. Mas nunca pensara que ia tanto ofender, que ia tanto magoar. (AMADO, 2012, p. 283).

De acordo com a psicanálise, “de nenhuma maneira é possível equiparar as exigências da pulsão sexual com as demandas da cultura [...]” (FREUD, 1912/2019, p. 151); nesse sentido, nota-se que Gabriela se transforma numa espécie de personagem heroína em razão de uma conduta que está atrelada ao imaginário, pois dificilmente a personagem estando casada com Nacib e se deitando com outros homens passaria ilesa às normas que a cultura impõe. O seguinte diálogo entre Clemente e Fagundes nos dá esse indício:

- Melhor é não pensar, tirar ela da cabeça - aconselhou Fagundes. Os olhos do negro perscrutavam a selva, sua voz fez-se suave para falar de Gabriela.

- Tira ela da cabeça. Não é mulher pra tu nem pra mim. Não é como essas quengas, é...
- Tou com ela metida em meu juízo, mesmo querendo não posso.
- Tu tá maluco. Ela não é mulher pra se viver cum ela.
- Que é que tu tá dizendo?
- Num sei... Pra mim é assim. Tu pode dormir com ela, fazer as coisas. Mas ter ela mesmo, ser dono dela como é de outras, isso ninguém vai nunca ser.
- E por quê?
- Num sei, o diabo é que sabe. Num tem explicação. (AMADO, 2012, p. 112).

Gabriela possui outro caráter, não se trata de uma mulher que se prostitui, nem tampouco do tipo casadoura. Sua personalidade alcança um patamar de idealização para a época que não permitia conciliar o sexo livre com as determinações da cultura, ainda que Jorge Amado tenha dado a ela esse desfecho.

A personagem Sinhazinha, como vimos, passa falecida por toda a história, por isso não se sabe tanto sobre ela nessa perspectiva analítica. No entanto, é possível inferir que ela foi uma mulher reprimida pelo discurso religioso e patriarcal, mas que isso não retira sua capacidade de atuar como sujeito de desejo, pois “as pulsões amorosas são difíceis de educar.” (FREUD, 1912/2019, p. 150). Mesmo com todas as regras morais exigidas às mulheres, o que é da ordem do amor e do sexual escapa de alguma forma, porque a repressão em demasia ou faz adoecer a pessoa, ou a libera, já que a pulsão é constante.

No caso dessa personagem, sua morte contribui para a desconstrução de um estatuto de regras da cultura conservadora de Ilhéus, o que dá início a um novo discurso da perspectiva legal, pois a condenação de seu marido por crime de honra foi um acontecimento, como nos conta o narrador:

Algum tempo depois, o coronel Jesuíno Mendonça foi levado a júri, acusado de haver morto a tiros sua esposa, dona Sinhazinha Guedes Mendonça e o cirurgião-dentista Osmundo Pimentel, por questão de ciúmes. Vinte e oito horas duraram os debates agitados, por vezes sarcásticos e violentos. Houve réplica e tréplica, dr. Maurício Caires citou a Bíblia, recordou escandalosas meias pretas, moral e devassidão. Esteve patético. Dr. Ezequiel Prado, emocionante: já não era Ilhéus terra de bandidos, paraíso de assassinos. Com um gesto e um soluço, apontou o pai e a mãe de Osmundo em luto e em lágrimas. Seu tema foi a civilização e o progresso. Pela primeira vez, na história de Ilhéus, um coronel do cacau viu-se condenado à prisão por haver assassinado esposa adúltera e seu amante. (AMADO, 2012, p. 321).

Ou seja, a condenação do Coronel Jesuíno ocorre também em razão de novos discursos que surgiam com a chegada do progresso em Ilhéus.

Tanto Malvina quanto Glória mudam sua posição de objeto para sujeito. Glória passa a imagem da mulher prostituta, mas de um homem só (ainda que essa condição possa expressar uma posição de objeto dos homens, mas isso não parece ser um problema para ela, ao contrário). Junto a isso, ela representa o querer participar da vida pública, um direito relegado às mulheres até bem pouco tempo, e o seguinte trecho nos mostra isso:

Não começara Glória também a passear pela praça, abandonando sua janela solitária, para vê-lo mais de perto, sentado no bar, rir para ele? [...] Não frequentava, única mulher entre seis gatos pingados, as sessões dominicais do grêmio Rui Barbosa, atravessando insolente por entre as solteironas saídas da missa das dez? (AMADO, 2012, p. 297).

A personagem que vivia solitária no batente da janela se arrisca pelas ruas a fim de ver Josué, que acaba por se envolver com ela. O desfecho de sua história em unir o conforto e o amor proporcionado por dois homens distintos – o fazendeiro Ribeirinho e o professor Josué, personifica um pensamento muito à frente de seu tempo, inclusive sobre a época em que o romance foi escrito.

Já Malvina assume a posição de sujeito de maneira muito mais próxima da realidade, pois não se trata de uma personagem construída sob um ponto de vista idealizado como, por exemplo, Gabriela. Malvina é uma moça comum que tem bastante claro seu objetivo de vida. Ela tenta negociar com as normas vigentes da cultura revertidas na figura de seu pai, mas é barrada. Por conseguinte, opta por ser protagonista de sua existência a fim de exercer seu direito legal, que é estudar e trabalhar, centrada em seu ser mulher e independentemente da moralidade sexista, de acordo com o diálogo de um dos personagens com seu pai - Coronel Melk, ao tratar de sua fuga:

João Fulgêncio não acreditava no regresso da moça a solicitar perdão:
- Não volta, tenho certeza. Esta vai longe, sabe o que faz.
A mãe reviveu, nunca mais saíra de casa. Melk recusou-se a ouvir uma palavra sequer:
- Não tenho mais filha! (AMADO, 2012, p. 263).

Dessa forma, Malvina e Glória quebram padrões e estereótipos em razão de uma linguagem própria que oferece possibilidades de discursos diferentes do falocentrismo.

Especialmente entre Gabriela e Malvina, que conseguem transpor a barreira da misoginia, há uma metáfora bem construída em torno dos sapatos que não lhes servem, como se vê na personagem Gabriela:

Estava contente com o que possuía, os vestidos de chita, as chinelas, os brincos, o broche, uma pulseira, dos sapatos não gostava, apertavam-lhe os pés. Contenta com o quintal, a cozinha e seu fogão, o quartinho onde dormia, a alegria cotidiana do bar com aqueles moços bonitos [...]. (AMADO, 2012, p. 165).

[...] Gabriela mal podia manter-se de pé. Sapato infeliz, apertava-lhe a ponta do dedo. Não nasceram seus pés para andar calçados. (AMADO, 2012, p. 270).

E em Malvina, ao resolver partir de Ilhéus com seus pés e sozinha: “descalça, os sapatos nas mãos, o olhar decidido.” (AMADO, 2012, p. 194), conforme vimos anteriormente.

Tais mulheres são mais felizes e adequadas a seus quereres quando “descalças”. Descalças dos sapatos que lhe apertam os pés e os caminhos, pois os sapatos apertados são a imposição patriarcal.

Gabriela e Malvina [...] representam a resistência. Questionaram, se revoltaram e, por fim, se deslocaram e se identificaram com outros discursos: o do progresso, o do amor, o da independência, o do feminismo, o da liberdade, o dos pés descalços. (QUEIROZ, 2017, p. 107).

Essa retomada nas personagens serve para demonstrar que, não fossem as características de resistência e luta nelas presentes, elas não teriam ocupado seu lugar de sujeito de maneira atuante. As duras e violentas consequências da norma patriarcal das quais elas também padecem são o que impulsionam ao rompimento com o machismo sustentado por discursos falocêntricos diversos. Tais personagens são construídas de modo a transformar discursos e reescrever narrativas culturais, não no intuito de inverter a lógica, mas de colocar as mulheres em pé de igualdade em relação a direitos dados predominantemente aos homens.

O feminino é o avesso da cultura, conforme a escrita do psicanalista Paul-Laurent Assoun (2012) ao observar alguns sintomas da 'norma' social e cultural em diferentes momentos da civilização:

Assim, no primeiro momento, no qual Freud apresenta o problema da cultura em termos "econômicos", as mulheres aparecem encarregadas de um fardo particularmente pesado: é como se estas tivessem de pagar mais "dívidas" pulsionais à "renúncia pulsional" – de modo que a lei geral da Cultura se vê aqui ao mesmo tempo ilustrada e "agravada". (ASSOUN, 2012, p.234).

Assoun propõe uma oposição entre feminino e cultura, ainda que o feminino resulte da própria construção cultural.

As referidas mulheres desse romance são consideradas, então, transgressoras. Logo, estão coerentes com o que nos adverte as teorias feministas, como Lauretis, aqui citada com seu texto *Tecnologia do Gênero*, cuja escrita chama a atenção sobre a desconstrução da diferença sexual interligada à questão de gênero, o que culmina no patriarcado.

Tais personagens são produto do meio cultural, portanto mulheres, e sua mudança de posição de objeto para sujeito indica que a anatomia não é o destino.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho proporcionou pesquisar importantes teóricos e teóricas que tratam das questões de sujeito, mulher e gênero feminino, estes dois últimos tão presentes nos debates da contemporaneidade, de modo a, também, explicar suas asserções. A pesquisa esclareceu pontos importantes acerca do que foi proposto: analisar a obra *Gabriela, Cravo e Canela* sob a ótica da liberdade feminina e, além disso, o trabalho permitiu observar como a literatura concede um espaço para reflexões sobre questões pertinentes para a sociedade. No caso do romance estudado, uma obra leve e consistente, com pitadas de humor, há o tratamento de demandas profundas sobre gênero.

Jorge Amado, ao dar à luz *Gabriela, cravo e canela* com suas personagens femininas fortes e frágeis diante de uma sociedade ditadora, mas, sobretudo, livres ante à prisão que a elas querem obrigar, contribui com resistência e luta pelo feminismo, por um real progresso, pela liberdade. Para além do feito na arte literária, é uma contribuição para o pensamento, à reflexão e à crítica dos costumes que, de algum modo, se perpetuam. *Gabriela, Cravo e Canela* é significado de modernismo não só do ponto de vista da literatura de uma era, ou seja, da forma da narrativa, da liberdade do autor em sua escrita simples, direta e popular etc., é sinônimo de modernidade por subverter a lógica patriarcal e abrir possibilidades de diversos destinos às mulheres sem o ônus de não fazerem suas escolhas.

Trazer um pouco de Freud para este trabalho nos permitiu reconhecer que a psicanálise e o romance proporcionam uma redução do sofrimento com destino à cura (ainda que a cura não exista!), porque as duas lidam com o mesmo instrumento de trabalho: a linguagem e a construção de narrativas. Na literatura, é um servir-se do texto como ferramenta, pois “Freud sempre enfatizou a preeminência dos escritores criativos, ressaltando que o artista, sem saber, nos ensina sobre o inconsciente”. (RABATÉ, 2017). Em outras palavras, tanto leitores quanto escritores utilizam-se da narrativa para lidar com questões existenciais, de modo que as personagens podem representar um *status* semelhante ao de sujeitos humanos e, assim, gerar uma identificação

no leitor. Inclusive, por isso, foi importante a incursão feita no conceito de personagens no corpo do trabalho, pois ainda que estes sejam seres fictícios, podem representar pessoas e suas aspirações.

Conforme Antônio Candido, a literatura humaniza:

Entendo aqui por *humanização* (já que tenho falado tanto nela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (CANDIDO, 2011, p. 182).

Com isso, podemos concluir também que uma personagem pode ajudar a mudar os discursos de uma sociedade, o que implica em propor outra lógica sobre arte e vida: não será a vida que imita a arte?

Voltando a Freud, sobre o ponto específico do feminino na obra *Gabriela e a importância da literatura*, vale destacar caminhos que o psicanalista indica em seus escritos:

Se quiserem saber sobre a feminilidade, então perguntem às suas próprias experiências de vida, ou voltem-se aos poetas, ou esperem até que a ciência possa lhes dar mais informações mais profundas e mais bem articuladas. (FREUD, 1933/2018, p. 341).

Hoje, aproximadamente cem anos depois, a ciência continua a contribuir e a literatura produz muitas obras acerca do feminino, da mulher, inclusive colocando escritoras mulheres no foco da cena.

Por fim, em consonância com o que aconselha Freud e nos diz Candido a respeito da importância da literatura, este trabalho confirma a relevância do referido romance, pois

Jorge Amado tem sua obra ficcional discutida pela crítica literária de forma que se evidencia em seus textos uma temática bem mais abrangente que a tão citada sensualidade, tornando-o amplamente reconhecido como grande colaborador [...]. (NASCIMENTO, 2018, p. 113).

Tal afirmativa coloca Jorge Amado numa posição de versatilidade ao abordar temáticas variadas no mesmo romance.

A protagonista Gabriela aparece em Ilhéus como que a movimentar a cidade e muitas situações e hábitos que tomam conta dali, não somente a vida de Nacib, e consegue, sem tal pretensão, estimular mudanças significativas à cidade, assim como *Gabriela, Cravo e Canela* - a obra - nasce e é projetada fortemente, com tantas traduções e adaptações para o audiovisual, por trazer mudanças no pensamento de uma época remota, quiçá até hoje, com causa na liberdade e no que ela pode suscitar.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, José de. **Iracema: lenda do Ceará**. São Paulo, Penguin Classics Companhia das Letras, 2016.
- AMADO, Jorge. **Gabriela, Cravo e Canela**. São Paulo, Companhia das Letras, 2012.
- ASSOUN, P. L. **Freud e as ciências sociais: Psicanálise e teoria da cultura**. São Paulo: Loyola, 2012.
- BRAITH, Beth. **A Personagem**. São Paulo, Ática, 1985.
- CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem**. In: Revista Ciência e Cultura, v.24, nº9, 1972.
- CANDIDO, Antonio. **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade: Estudos de Teoria e História Literária**. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.
- CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos. O Direito à Literatura**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.
- COELHO JR., N. E. **A noção de objeto na psicanálise freudiana**. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, v. 4, n. 2, p. 37–49, jul. 2001.
- COLLING, A. M. **GÊNERO E HISTÓRIA. Um diálogo possível?**. *Revista Contexto & Educação*, [S. l.], v. 19, n. 71-72, p. 29–43, 2013. DOI: 10.21527/2179-1309.2004.71-72.29-43. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/1131>
Acesso em: 21 out. 2023.
- COSSI, R. K. **Lacan e o feminismo: a diferença dos sexos**. São Paulo: Annablume, 2018.
- FREUD, Sigmund. **A feminilidade (1933) In: Amor, sexualidade, feminilidade - Obras Incompletas de Sigmund Freud**; v 7. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos**. (1914-1916). Tradução de Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010 (Obras Completas, v.12).
- FREUD, Sigmund. **O eu e o id “autobiografia” e outros textos**. (1923-1925). Tradução de Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011 (Obras Completas, v. 16).

FREUD, S. **Sobre a Mais Geral Degradação da Vida Amorosa. Contribuições para a psicologia da vida amorosa - II.** In **Amor, sexualidade, feminilidade – Obras Incompletas de Sigmund Freud**; v 7. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

HOMEM, M.; CALLIGARIS, C. **Coisa de menina? Uma conversa sobre gênero, sexualidade, maternidade e feminismo.** Campinas: Papyrus, 2019

LAURETIS, T. de. **A Tecnologia do gênero.** In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento Feminista: conceitos fundamentais.** Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019

NASCIMENTO, Aline S. de B. **Erotismo e identidade negra na obra amadiana Gabriela, cravo e canela.** [113] GARRAFA. Vol. 16, n. 44, janeiro-junho 2018. "Erotismo e...", p. 113 -128. ISSN 18092586

OLIVEIRA, Sayonara A. **Das impertinências do corpo de Gabriela no romance de Jorge Amado.** Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 46, n. 4, p. 23-30, out./dez. 2011

QUEIROZ, Ana Patrícia C. **O Patriarcalismo em Gabriela, cravo e canela: O estilhaçar do ritual ideológico radical.** Linguagens- Revista de Letras, Artes e Comunicação ISSN 1981-9943 Blumenau, v. 11, n. 1, p. 091-108, jan./abr. 2017

RABATE, Jean-Michel. **Psicanálise e literatura: por que, hoje?.** Trivium, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 162-171, dez. 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-48912017000200002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 24 Nov. 2023. <http://dx.doi.org/10.18379/2176-4891.2017v2p.162>.

ROUDINESCO, Elisabeth e PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SANTOS, Vanessa Sardinha dos. **Diferenças biológicas entre homens e mulheres;** Brasil Escola.

Disponível em:

<https://brasilescola.uol.com.br/curiosidades/diferencas-entre-homens-mulheres.htm>

Acesso em 15 de outubro de 2023.

SOUZA, Warley. **Jorge Amado;** Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/literatura/jorge-amado.htm>. Acesso em 15 de outubro de 2023.

TOREZAN, Zeila C. Facci; AGUIAR, Fernando. **O sujeito da psicanálise: particularidades na contemporaneidade.** Rev. Mal-Estar Subj., Fortaleza, v. 11, n. 2, p. 525-554, 2011.

Disponível em

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482011000200004&lng=pt&nrm=iso Acessos em 15 out. 2023.

VELOSO, C. **Alegria, alegria**. Duração: 2;48, São Paulo, Phillips, 1967.

Disponível em:

https://youtu.be/he_ghOAXbSM?si=nOApZEi3DQTD2N97

WITTIG, Monique. **Não se nasce mulher**. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento Feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 83-94.